

Viagens de Vitorino Nemésio pelo Brasil: uma “lição de história entre sombras propícias,” ma non troppo...

Maria de Fátima Maia Ribeiro

Resumo. Considerando a intensificação de trânsitos culturais entre Portugal e Brasil em meados do século XX, interessa-nos perscrutar o discurso de Vitorino Nemésio acerca das relações luso-brasileiras, conjugado aos entornos geopolíticos e aos imaginários culturais da época. Examinam-se as ‘lições de história’ que o Brasil lhe sugere e, até certo ponto, desenvolve nas crônicas de *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos* e de *Caatinga e terra caída*, assim como as “sombras propícias” e adversas entrevistas, analisadas em cotejo com textos ensaísticos e epistolares.

Viajar pelo Brasil não é só conhecer a maior fundação de Portugal a distância e um país novo e imenso que originalmente se afirma sem renegar tais raízes: é criar uma nova perspectiva da pátria, no regresso.

Vitorino Nemésio

Em *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos* e *Caatinga e terra caída*, Vitorino Nemésio empreende uma singular leitura da história e da cultura brasileiras, que se desdobra em ensaios diversos, lições académicas e em matérias de jornais, rádio e televisão portuguesas. As fontes mais próximas radicam nas inúmeras viagens que realizou ao Brasil na década de cinquenta do século passado, a par de informações veiculadas nos órgãos de comunicação social e

na correspondência com intelectuais brasileiros, sobretudo concernentes ao intercâmbio cultural luso-brasileiro à época.

Enquanto literato, professor e publicista, Nemésio aglutina vários tipos do intelectual clássico ou tradicional, a que se reporta Bobbio. O historiador, o homem das letras, o “homem de cultura,” o “homem de idéias,” o humanista— o pensador e o especialista, que se esforça por desvencilhar-se da condição de *expert* ou perito, mas igualmente investido à maneira dos “promotores de consenso”—são facetas exemplarmente construídas nos dois livros de crônicas.¹ Em se tratando de crônicas de viagens, em especial atentas à cultura e à história, poder-se-ia pensar resultarem de turismo cultural desenvolvido além-mar, sem qualquer objetivo ou motivação subjacente, o que Nemésio procura consignar no tom casual e no gênero adotados. Em *Caatinga e terra caída*, as imagens de “turista” e “etnógrafo amador” reiteradamente cunhadas para si, enquanto viajor e cronista, corroboram a idéia, indiciada na denominação de “jornadas” adotada para *O segredo de Ouro Preto*. Não obstante apresentarem-se em tempos diferentes, tais figuras entrelaçam-se à de “peregrino reinol da América,” com que ali se definira, compondo um perfil misto de itinerância, que configura um meio-termo entre peregrinação e turismo, sustentado pela idéia de missões a cumprir, como também o lugar de onde fala: o ilhéu, o reinol, o estrangeiro, em trânsito, consciente de um trabalho por realizar, que extrapola a crônica de fatos vividos, a mera reportagem ou as inclinações ficcionais.

As posicionalidades assumidas imbricam-se nas circunstâncias das viagens de 1952 e 1958 e no grau de aderência dos textos de Nemésio às demandas políticas, urgentes então, quanto aos lugares ocupados e pretendidos por Portugal e pelo Brasil no mapa-múndi dos poderes da época, que suscitavam diversos agenciamentos em torno das relações entre os dois países. Em tempos de Guerra Fria EUA-URSS, face à política de blocos desencadeada entre os países europeus, a exemplo do Mercado Comum, a contrastante situação periférica comum a Portugal e Brasil apontava a aliança por saída no sentido de visibilidade internacional e apoio. Apoio sobretudo estratégico para Portugal diante da coetânea condenação mundial do colonialismo, que lhe custara reiterados vetos ao ingresso na ONU e pressões, internas à organização, para que reconhecesse oficialmente o sistema a que agonicamente se aferrava.

Nemésio, para além da cronotopia atribuída por Bakhtin à literatura, ainda mais evidente em crônicas e ensaios na indicição de tempo e lugar, perfilha nesses textos a defesa correlata do estreitamento das relações entre

Portugal e o Brasil, bem como contempla interesses de difusão das culturas brasileira e portuguesa, sob o prisma da internacionalização e da modernização, que os respectivos governos almejavam. Nesses contexto e subtexto, podemos enquadrar as “lições de história” acerca do Brasil em suas relações com Portugal e os fluxos de favorecimento e dissonância, sobretudo referentes à colonização, à emigração e ao intercâmbio cultural coevo.

Tais conexões acentuam-se considerando-se as circunstâncias de patrocínio das duas viagens, de que resultaram as crônicas sobre o Brasil, não obstante o empenho de Nemésio em deslocar ou minimizar esse ponto de partida, mantendo-o na sombra ou dele abstraindo apenas índices favoráveis, procedimento prevalente nos textos. Por sua vez, os fatos oferecem-nos a oportunidade de uma leitura em suplemento, retirando das sombras mais uma lição da história recente do Brasil, se não desenvolvida plenamente por Nemésio, articulada a partir da sua obra e da sua presença no país.

Na viagem de 1952, de que resulta *O segredo de Ouro Preto*, Nemésio integrava a “missão cultural” enviada pelo governo português ao Brasil, sob os auspícios do Secretariado Nacional da Informação e da Propaganda, em que se destacavam o ex-ministro de Salazar, Daniel Barbosa, o historiador oficial do regime, João Ameal, e o escritor Aquilino Ribeiro. Não obstante a contestação de redutos de oposição ao salazarismo situados à esquerda do espectro político brasileiro e da comunidade portuguesa quanto à legitimidade da representação—representariam aqueles intelectuais a cultura portuguesa ou o regime em vigor?—, divisando-lhe propósitos e ação propagandísticos, à exceção de Aquilino Ribeiro, Nemésio nega pretensões políticas ao grupo e direciona a viagem à conta do interesse pela cultura brasileira—vetor que atravessa o livro de crônicas e fornece as questões de ponta dos textos—, a par da divulgação da produção portuguesa atual:

apenas, estreitar, cada vez mais, os laços de cultura tradicionalmente existentes entre Portugal e Brasil. A nossa missão não tem qualquer sentido político, pois o que desejamos é apenas entrar em contacto com o que o Brasil tem de mais precioso: a sua cultura. Ao mesmo tempo mostrar, através de conferências, o que também estamos fazendo.²

A aproximação cultural luso-brasileira e a difusão do presente português coadunavam-se na formação de consenso favorável junto à sociedade e à administração pública brasileiras, como o Itamaraty, divididas entre vertentes

pró-lusitana, europeísta-francófila e pan-americana em termos de aliança e apoio. Na tradução da viagem em crônicas divulgadas na mídia portuguesa além de editadas, o dispositivo desdobra-se sobre a sociedade portuguesa, marcada à época por fundas clivagens ideológicas, conferindo consistência às palavras de Thomas Skidmore, também ele viajante estrangeiro interessado pelo Brasil:

Uma das fontes mais valiosas para a história das relações internacionais ... são os escritores eminentes que interpretam a importância de outros países para os seus concidadãos. Por meio de seus argumentos, provocam debates e assim iluminam o pensamento de sua sociedade—ou de sua elite. (33)

A viagem de 1958 vinculou-se ao convite da Universidade da Bahia, para permanência em Salvador, segundo a praxe de cursos e conferências do intercâmbio cultural da época, que propriamente se configura como missão cultural, mediante subsídios oficial e privado. As crônicas de *Caatinga e terra caída* estão inequivocamente atreladas à viagem a outros estados brasileiros do Nordeste e do Norte, financiada pela cadeia midiática dos *Diários Associados*, de propriedade de Assis Chateaubriand, então embaixador do Brasil na Inglaterra. Diferentemente de *O segredo de Ouro Preto*, Nemésio já não mantém reservas quanto ao patrocínio da viagem, definindo-a enquanto “viagem de convite” em que reconhece o desiderato de “ver para contar,” objetivado na produção dos textos, sob uma espécie de encomenda contida nas expectativas:

Isto do ver para contar dá a hóspede e anfitrião, quando bons camaradas, a naturalidade ideal da viagem de convite... A cadeia dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand recobre o essencial dos itinerários troncais do Brasil. Os seus animadores, num alerta de postos, que tanto podem estar em Salvador da Bahia como na sede carioca, como na Embaixada de Londres, duplicam assim com forasteiros a vigilância aos movimentos do grande país em surto. (*Caatinga* 41)

As iniciativas articulavam-se, então, aos investimentos governamentais para conferir visibilidade e reconhecimento internacionais ao Brasil sob a política nacional—desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, que ampliava as alternativas pelas quais—conforme constata Skidmore—“[e]stados modernos gastam grandes quantias de dinheiro para saber como outros países os vêem”

(33). Nemésio não se mostrará alheio ao quadro, suscitando questões relacionadas com a eficácia simbólica e política de ritos de instituição e discursos, conforme trabalhada por Bourdieu.³ Por sob a ambigüidade prevalente em seu discurso, apresenta os fatores em causa incorporando-lhes a ambivalência. Exprime a anuência à contrapartida esperada, sublimando-a em termos de hospitalidade e fraternidade: “como há-de calar-se o estranho a quem uma hospitalidade fraterna abriu de par em par algumas das portas mais aferrolhadas do ‘mundão?’” (*Caatinga* 41). Ao retomar, em outra crônica, o fato, desvela o utilitarismo, ao tempo em que legitima as intenções traduzidas por generosidade, sob viés conciliatório das antigas relações coloniais: “Tudo no Brasil hospitaleiro se abre generosamente ao emboaba, muito mais se é homem para vir contar o que viu” (196). A superação de propósitos políticos de fundo configura-se como estratégia discursiva de Nemésio, assinalando a assunção de uma propedêutica pessoal de nobilitação do pragmático, assentada na lógica do espírito e da cultura.

Marcas de deslocamento e de denegação dos vínculos com a missão oficial de 52 disseminam-se em *O segredo de Ouro Preto* e outros caminhos e imprimem-se na tópica da peregrinação, em que o escritor afirma perseguir objetivos exclusivamente iluministas da ordem das “humanidades.” Nesse livro, Nemésio considera as viagens entre São Paulo e Bahia como “andadas evocativas” e “jornada lusa” com expectativa de incorporação e apreensão do que lhe é estranho, assim como as crônicas atinentes, registro de “impressões pessoais,” de uma “visão sentimental do mundo,” especialmente afeitas a estabelecer correlações entre Brasil e Portugal (323-80). Afasta-se da sobredeterminação política em nome de projeto existencial em que as preocupações nacionalistas impregnam-se de fluxos pessoais e culturais.

O distanciamento aprofunda-se em *Caatinga e terra caída*, por meio da reiteração obsessiva dos caracteres turísticos e etnográficos das viagens e crônicas, embora Vitorino Nemésio exponha o mecanismo utilitarista que as suscitara. A peregrinação cede lugar ao turismo e ao olhar antropológico, sem de todo excluírem-se. É curioso observar que, já em *O segredo de Ouro Preto*, Nemésio falava, em ao menos uma passagem, de incursão turística, mas como “fervor turístico” associado ao que denomina “a revelação da Baía” (273), enquanto, em *Caatinga e terra caída*, há uma ocorrência também isolada de “peregrinação” (184). No segundo livro, a ênfase recai no aleatório dos escritos com relação ao financiamento da viagem, dirigidos pela curiosidade intelectual pela paisagem humana e física à sua volta, mantida a especial

atenção pelas notações da presença de Portugal no Brasil. A independência do escritor consigna-se, afinal, na produção intermitente das crônicas, escritas, conforme as datas que as acompanham, entre 1958 e 1968, ano da publicação.

Da leitura dos dois livros, uma particular articulação entre a “ética da convicção,” postulada por Weber, e uma “ética da aventura,” a que refere Silviano Santiago (227), projeta-se enquanto eixo sobre o qual se move Nemésio, que desloca a questão da responsabilidade nas relações da *intelligentsia* com os poderes instituídos, de inexecúvel univocidade (Bobbio 96-7). Enquanto intelectual, Nemésio orienta-se em conformidade com princípios cujas afinidades com os imaginários iluminista e lusitano, de incontroverso matiz colonial, continuamente explícita. Ao assumir-se como intelectual português diante do Brasil, uma vez confrontado às demandas históricas do seu país no presente, Nemésio reivindica através do senso de aventura—palavra usada em *Caatinga* (199), assim como “aventuras culturais” definem-lhe os trânsitos, em carta a Hélio Simões de 1974—ausência de compromisso, a par da identificação com os antigos navegadores, cronistas e bandeirantes da América Portuguesa, a um só tempo evocando e exaltando os trabalhos de “descoberta,” conquista e ocupação da terra, desdobrados na imigração portuguesa no Brasil.

Para quem declara a sua resistência ao diário—e esses dois livros de crônicas constituem-se também em diários de viagens—, em virtude de considerar o discurso em primeira pessoa uma expressão narcísica (*Segredo* 273-74), a adoção do gênero justifica-se pela importância dos aspectos e questões trazidos à cena, que acaba por neutralizar a banalidade das viagens, ou a inanidade sugerida por Valéry Larbaud, “*o vão trabalho de ver vários países*” (Nemésio, *Caatinga* 101), com que parece advertir os seus leitores:

Estas coisas [...] só têm perdão, contadas, quando a substância delas suscite um interesse geral. E eu não sei de experiência mais funda, para quem é português, que contactar com um largo troço da terra e da história brasileiras, que os nossos maiores fizeram desdobrando-se num povo de incomensurável futuro.

Tudo ali nos confirma e exalta a nossa esperança. É o que se tem dito e redito em termos de palpite e instinto histórico; mas, no vivido, é muito mais.

(*Caatinga* 41)

A sua postura assenta numa específica concepção de história atrelada ao

conceito de história universal, tão em voga em meados do século XX e de evidentes conotações coloniais, que, como bem assinala Silviano Santiago, “gloriosamente [...] surge com o expansionismo europeu” (226), do qual as viagens marítimas portuguesas foram o pródromo. A história por que se orienta está marcada pelas noções de continuidade e de harmonia, com que se diluem os conflitos e neutralizam-se as diferenças. Para Nemésio,

A grande ilusão do europeu e do próprio americano é supor que a América é total e inexoravelmente “Novo Mundo.” [...] A história é um processo subtil e homogêneo que se ri da visão antitética que dela tem o homem, desde Hegel. Onde nos convém metodicamente ver contrastes, ela cultiva, afinal, a continuidade e a harmonia. (*Segredo* 362-3)

A sua posição traz à cena as palavras de Marilena Chauí acerca do discurso uniformizador da cultura: “O discurso sábio e culto, enquanto discurso do universal, pretende unificar e homogeneizar o social e o político, apagando a existência efetiva das contradições e das divisões” (52). Não sendo essa a intenção, dá-se como tal o efeito alcançado.

Em *O segredo de Ouro Preto*, Nemésio modula-o através de uma constante “busca de correspondências essenciais,” “espécie de ‘correspondência’ baudelairiana de resposta e eurritmia” entre cidades européias e brasileiras, mais precisamente cidades portuguesas e brasileiras (362-63). O olhar nemesiano sobre as capitais e cidades históricas visitadas prende-se sobremaneira a aspectos que percebe e destaca em termos de similitude, à guisa da continuidade de Portugal no Brasil, não obstante admita diferenças, no mais das vezes consideradas adaptações.

Já em *Caatinga e terra caída*, por sob o foco da emigração portuguesa, o dispositivo alarga-se através da desmedida atenção aos topônimos brasileiros que evocam cidades lusitanas em terras de além-mar, pela repetição ou pela afixação de “Novo/nova” ao nome familiar, a exemplo da expressão Nova Lusitânia. A toponímia converte-se em um dos motivos temáticos mais recorrentes, acompanhada quase sempre do elogio à “largueza de visão” do Marquês de Pombal pelo incentivo à difusão da língua portuguesa na América, sem, no entanto, em momento algum creditar-lhe o fato de a ter tornado língua oficial, mediante decreto, em 1857. Os nexos políticos oficiais, na sombra, em favor de efeitos.

Segundo Nemésio, a história apresenta-se ainda como a conjunção de

heroísmo, amor e pragmatismo (*Segredo* 124), elementos pelos quais procura tanto legitimar a conquista e a ocupação, atualizando-as nos nexos de continuidade, como demonstrar a viabilidade de aproximação com base nos aspectos do passado, de que destaca a língua. Por sob o suporte lingüístico, desvela-se o *leit-motiv* dos livros de crônicas e das próprias viagens: “Seus nomes castiços me bastam para a continuidade do fundo luso-brasileiro que por toda a parte sondo,” declara Nemésio, referindo-se a imigrantes portugueses que conhece no Ceará (*Caatinga* 111). No afã de perscrutar índices de continuidade, que promove “a ênfase nas origens, na tradição e na intemporalidade [como base de uma] identidade nacional representada como primordial” (Hall 53), o discurso de Nemésio sobre o Brasil torna-se em discurso sobre Portugal, em termos do prolongamento da cultura nacional no continente americano. Afinal, ambos os périplos são apresentados com base na afirmação da persistência desse “fundo lusíada no recesso americano” (*Segredo* 373), apontado como “o segredo” dos vários caminhos percorridos ou intuídos, pelo qual define o Brasil na primeira obra.

Em *Portugal e o Brasil na História*, texto publicado no Brasil em conexão com a primeira viagem, Nemésio trabalha a questão, projetando-a sobre as relações entre os dois povos e países:

não há um brasileiro criado e formado por um “marinheiro” reinol, senão nuclearmente um português que a América transforma em brasileiro dando-lhe terra e vida, ensinando-lhe a humanar no sangue primitivo [...] Não há um pai português e um filho brasileiro, mas um mesmo homem histórico que meio milénio de viagens, de plantações, de minas, de lucro, de doutrina, de guerra, teto e amor, praticamente entregou a um destino próprio e pessoal, e que em nome do *fiat* do Deus uno encarnado no extremo ao *mare nostrum* para o gesto de “*ite et docete*,” estará, creio eu, sempre aberto aos europeus que cá [no Brasil] cheguem e queiram viver e procriar à lei das “terras da tarde.” (28)

À sua posição contrapõe-se diretamente Eduardo Lourenço em ensaios e artigos das décadas de 80 e 90 a respeito do Brasil e das suas relações com Portugal. Nos tempos anedipianos de hoje, que abalam conceitos e verdades absolutas, a sua escolha se faz pela tese do “parricídio simbólico,” precisamente a imagem e a perspectiva literalmente rejeitadas por Nemésio: “o Brasil parece assim cometer um parricídio, mesmo inconsciente, vivendo-se, como realmente se vive, nos seus textos, nos seus sonhos, nas suas

ambições planetárias, como uma nação sem pai” (*Nau* 136).

O confronto com as posições de Vitorino Nemésio é flagrante. Curiosamente, Lourenço emprega expressões já utilizadas por Nemésio, para, no entanto, negar propriedade ao fato que encerram, o que nos sugere ocupar-se Lourenço, nos anos 80, com estabelecer diálogo com Nemésio através da releitura da obra, a que responde, embora não o cite textualmente. As marcas de dissensão multiplicam-se e vêm ao encontro das questões em tela. Para o ensaísta português, “[a] comunidade luso-brasileira é um mito inventado unicamente pelos Portugueses. Não é minimamente vivida do outro lado do Atlântico, como pôde sê-lo a *Commonwealth* ou até o conjunto formado pelas antigas colônias espanholas e a Espanha” (158). Nemésio, ao defender a idéia de Portugal e Brasil constituírem “uma única nação expressa em dois Estados,” associa-os ao mesmo dispositivo político e cultural: “já agora como que numa só *Commonwealth*” (*Problemas* 21). Voltaremos ao assunto, mas por ora concentremo-nos em Nemésio.

Oscilando entre as concepções de “uma única nação expressa em dois Estados” e de “dois países que sempre formaram uma só pátria histórica” (“Brasileiro”), por onde passa e para onde olha, Nemésio verá traços da sua terra e da sua gente. Institui um regime especular marcado pelo que chama “o milagre da parecença” (*Segredo* 364), atenuado, em *Caatinga e terra caída*, pelo reconhecimento da imaginação “excitada pelo que trazemos submerso e ameaça sempre aflorar,” a redundar em fórmulas do tipo “lembra-me” ou “diria que,” diante de ‘paisagens parecidas com as suas’ (122-61). A especularidade, no entanto, se mantém.

Uma longa passagem de *Caatinga e terra caída* pode ser tomada como emblemática da posição nemesiana:

Chamarei sempre “Estrada da Nazaré,” luso-brasileiramente, ao que as placas da esquina me querem obrigar a dizer—“Avenida da Independência.” Quem, no Pará ou algures, não depende de quê ou de quem? Parafraseando, embora para efeitos diferentes, o artigo *Nós, os portugueses* de Raquel de Queiroz no *Cruzeiro*, direi—*Nós, brasileiros*—sempre que estiver no Brasil, mesmo que seja no Pará e não goste de assaí [sic] ... Mais ricos que os lusos são vocês, brasileiros, que não precisam pôr pé em Portugal para poderem ser e dizer-se, acumulando ou alternando: *Nós, portugueses; nós, brasileiros*. Tudo é um.

Não há prova melhor dessa unidade transatlântica que esta Belém do Grão-Pará e ele mesmo ou o seu crisma: Amazónia. Tudo aqui fala de um povo que se

bifurcou há séculos e que há duzentos anos atrevidamente estampou a fraca dimensão do Tejo na imensidão do Amazonas. Mais uns dois ou três dias de familiaridade com Belém (tenho Bragança e Soure a poucas horas do hotel [...]) e estará urdida a trama de conspiração afectiva—, brasileiros portugueses com portugueses brasileiros. Os que me fazem subir o rio heróico. Qual? Ao longo de Almeirim e Santarém diria que subo o Tejo; Oriximiná e Parintins lembram-me que estou no Amazonas. Na língua que falo e aqui oíço, qualquer nome me serve. Estou em minha casa. (193)

Curiosamente, o Brasil construído por Nemésio suscita uma irônica relação com os termos de teorias contemporâneas acerca da nação. Se podemos ambigualmente situá-lo entre as noções de “comunidade imaginada” e “comunidade imaginária” de Anderson, acentua-se o caráter fictivo contido na expressão “*ethnicité fictive*,” por que Balibar define a “*forme nation*,” produzida por uma “*communauté de langue*” e uma simbólica “*communauté de race*,” que ressignifica os aportes nemesianos, para a afirmação de uma identidade nacional à distância, traduzida por transnacionalidade, através a construção de narrativas em que falar do Brasil torna-se em oportunidade, pretexto e corolário para falar de Portugal em sua permanência dilatada no mundo.

Para Nemésio, os nexos de unidade e desdobramento de uma essencialidade lusitana no Brasil encontram ancoragem em substratos históricos e lingüísticos, a alargar-se na esfera das relações pessoais calcadas na afetividade. A intercorrência dos léxicos português e indígena desperta-lhe familiaridade e estranhamento, que procura deslocar ao tornar a diversidade lingüística irrelevante face ao sentimento de ‘estar em casa,’ em termos também territoriais, devido à “unidade transatlântica” aventada, sentimento esse retomado de *O segredo de Ouro Preto*.

Em *Caatinga e terra caída*, o “sentir-se em casa” articula-se com “a sensação de despaisamento,” que provisoriamente enfatiza enquanto padrão comportamental de portugueses em trânsito pelo Brasil, desconstruindo-o à medida que envereda pelas cidades brasileiras, ganha familiaridade e, sobretudo, se reconhece na paisagem e na população brasileiras. A expectativa de um sentimento de desterritorialização, plausível em qualquer viajante, está em Nemésio associada à experiência pessoal anterior, da qual retém sobretudo traços de similaridade relativos às cidades de acento lusitano mais ostensivo: “Para o português de visita ao Brasil creio que há uma espécie de lei de

despauamento em latitude, um certo sentimento de solidão crescente de sul a norte. Mas só da Bahia para cima. Bahia e Rio de Janeiro dão a impressão de estarmos em casa. É certo que Santos também [...]” (157).

A partir de uma “geografia imaginária,” cujo lastro anterior o escritor localiza no aprendizado na Universidade de Lisboa e, mais remotamente, no imaginário português sobre a antiga colônia, Nemésio constrói para si um Brasil imaginado—que, aliás, a idéia de nação comporta, como mostra Benedict Anderson e o relativizam, em sentidos diferidos, Homi Bhabha e Edward Said, por exemplo—, ponte entre um “Brasil vago e lendário dos portugueses modernos” e um “Brasil consciente,” da aprendizagem formal: “A minha Baía ainda é mais remota e utópica que o Rio imaginário com que cheguei da Europa. Mas é talvez mais profunda no mistério entranhado em que a imaginação ma compõe” (*Segredo* 121-22).

A experiência empírica de 1958 prolonga a componente imaginária, porém modifica a avaliação inicial. As diferenças percebidas redimensionam as ‘semelhanças sonhadas’ de *O Segredo de Ouro Preto*, estendendo-as ao Norte e Nordeste brasileiros, ao tempo em que lhes imprimem um viés mais distanciado e, por vezes, crítico.

Consciente, talvez, do inusitado da sua atenção extreme em estabelecer correlações entre Brasil e Portugal, Nemésio já antes procurara atenuar fantasmagorias coloniais e minimizar a própria pessoa e situação, no terreno contumaz da afetividade: “Mas eu não sou nenhum exactor de quintos: sou um pobre peregrino da América que o Brasil hospedou, fraterno” (*Segredo* 264). À revelia das negativas, prevalece em *Caatinga e terra caída* a posição nemesiana de sentir-se a prolongar as viagens marítimas e terrestres do passado pela América Portuguesa. “Tomando a sério e a fundo o meu papel de tal ou qual sucessor dos exploradores pombalinos, mobilizei cadernos de notas e livros de iniciação no trajecto. Só não levo bússola e quinino [...]” (217), diz Nemésio, com o humor característico. Humor que se mostra exemplar em uma associação ainda mais remota:

Cúmulo da presunção ou descaramento aventureiro—penso que a minha sensação diante das canoas avançadas no sítio das barracas amazónicas me iguala aos pilotos do Infante rodeados de almadias no Zaire [...] Se hoje é tão fácil ser descobridor brevetado quando se dispõe de um motor fluvial feito na Holanda, a óleos pesados! (236)

As associações do presente com o passado atravessam os dois livros de crônicas sobre o Brasil. Nemésio anuncia-o desde a identificação com Pero Vaz de Caminha, escrivão e viajante como ele, tomado como parâmetro para os trabalhos do presente, conforme sugerido em *O segredo de Ouro Preto*, às associações que estabelece com as entradas e bandeiras em *Caatinga e terra caída*, interpondo-lhes as necessárias ressalvas:

É cerca de metade desses itinerários heróicos que o mísero de mim vai fazer em prosa correnteia, depois de a ter feito comodamente num pequeno pacote brasileiro [...] Tanta distância vai entre um explorador de selvas ou um pobre e afoito emigrante da era dourada da borracha e um mesquinho turista sequioso de passar por coisas grandes com pequena despesa do seu corpo [...] (195-96)

Na assunção das identidades de turista e “etnógrafo amador” de *Caatinga e terra caída* (66-308), adensa-se o distanciamento com relação ao entusiasmo e à empatia do livro anterior, e em simultâneo o acusar e o desnudar das ilusões de percurso tornam-se objeto de diversas crônicas. Eco, talvez, da postura etnográfica que afirma adotar, a “consciente ilusão consoladora” face ao que considera continuidade e unidade entre Portugal e Brasil no primeiro livro cede lugar a uma série de “ilusões européias” em que reconhece o etnocentrismo e procura de imediato desfazer, em termos do factual. O cronista, que nos adverte da “fácil emoção de explorador de fresca data” e que afirma que “os meus vagares de pseudo-explorador tinham-me levado o prisma” (204-32), entrega-se a um trabalho intermitente de acusar equívocos de leitura e de expectativa, no sentido da impropriedade das suas deduções e do desconhecimento acerca do país que percorre.

À cartografia imaginária que traça, ao longo do distendido roteiro, pontuado por descrições de paisagens e figuras humanas, bem como pela evocação da ação colonizadora dos primeiros portugueses e açorianos que haviam participado da construção daquelas cidades, Nemésio interpõe correções às falácias ditadas pela imaginação pessoal tanto quanto pelo imaginário nacional português associado ao Brasil. O caráter etnográfico que Nemésio ressalta em *Caatinga e terra caída* responde pela percepção de “uma nota humana e radicalmente brasileira [que] convida a moderar o ânimo empolado de história que nos arrasta ...” (119). Podemos relacioná-lo ao afã com que o cronista relativiza a sua visão do país: “É um mundo novo e virgem que se estende sem fim; a sua uniformidade empolga-nos e engana. Se tudo

parece igual à vista do avião planando, o contacto de terra ensina-nos o especial e o diferente” (121).

As crônicas desse livro entreabrem-se a reavaliações diversas, sobretudo concernentes a clichês e estereótipos sobre o Brasil, muito correntes, então, se não ainda hoje:

As próprias plantações de cana [...] podem ao longe dar a ilusão europeia de campos de pão em fins de Abril, ou ... dos arrozais portugueses de Alcácer do Sal ou de Maiorca.

Mas não comparemos o incomparável. Só festejo com isto o fim da minha falsa ideia de que tudo na pele do Brasil seja o coqueiral sem fim de certas praias do Leste, ou o ralo capim que mal disfarça a imponência cristalina das montanhas mineiras, a que eu reduzia até há pouco a minha experiência paisagística no Brasil. (61-2)

O rigor que demonstra nas descrições e na rememoração histórica de fatos da ocupação da América Portuguesa, apresentados pelo crivo dos êxitos alcançados e da celebração reiterada dos nomes ilustres, conhecidos ou não, coaduna-se com a recorrente admissão de desconhecimento com relação ao Brasil. Nemésio, sem excluir o chiste, assinala o seu caso pessoal, mas torna-o extensivo aos seus conterrâneos, enquanto tendência geral, associada ao descompasso entre ação expansionista e conhecimento conseqüente:

Este Brasil imenso, tentacular, não se deixa reduzir assim facilmente a esquemas, a zonas disto e aquilo [...].

Eu quis pôr uma certa ordem geográfica nos meus ablativos de marcha sobre o Nordeste e o Norte brasileiros: esclarecer os meus ouvintes sobre dias amenos e dias tórridos [...]. Não passei do termômetro!

Nós, portugueses, sabemos tão pouco do mundo que ajudámos a crescer! Bragança, Soure, Óbidos, Santarém, na Amazónia! Que quer isto dizer?—Quer dizer que Pedro Teixeira chegou de Belém do Pará a Quito—, e que eu vou a Belém do Pará mas não como ovos de tartaruga [...]. (*Caatinga* 54-5)

A despeito da facécia final que parece diluir a importância do assunto, em consonância à trivialidade que procura imprimir às crônicas junto aos receptores, Nemésio atribui à questão um valor nuclear. Da consciência pragmática das dificuldades apostas ao conhecimento de um país, onde melhor divisariáramos limites epistemológicos, Nemésio aponta por censurável

o desconhecimento português sobre o Brasil, por vincular-se à história lusitana em seus áureos tempos, inclusive aceitando a não contrapartida brasileira:

O português não traz a história do Brasil em dia, como o brasileiro em geral pouco sabe da nossa. Mas tais casos não têm a mesma gravidade. Se o homem do Brasil se afasta das suas raízes históricas, talvez alegue que a fronde já lhe dá bem “o que fazer.” O de Portugal não tem desculpa, pois que o Brasil é em larga parte o seu feito; e, quanto ao achamento e primeiras devassas, sua obra capital. (*Caatinga* 149)

Nesse sentido, o cotejo com Eduardo Lourenço mais uma vez se impõe ao leitor de hoje e torna flagrante a diferença dialógica dos posicionamentos. Segundo Lourenço, “Contam-se pelos dedos de uma só mão os portugueses que sabem até que ponto o Brasil é um país para quem Portugal é um ponto vago num mapa maior chamado Europa, ou vaga reminiscência escolar do sítio donde há séculos chegou um certo Álvares Cabral” (*Nau* 135). Em textos nos quais examina “imagens e miragens da lusofonia’ em termos de ressentimento, disparidade de discursos e unidade lingüística, acusa uma “espessa—e, na aparência, escandalosa—rasura da nossa [portuguesa] existência e da nossa ‘importância’ na consciência do brasileiro comum” (135), atitude que estende a parte da intelectualidade brasileira no discurso cultural sobre Portugal, atribuindo-a a demandas identitárias amplificadas. Pelas lições e testemunho de Nemésio, em meados do século passado esse quadro talvez não se evidenciasse, e a cena da época ainda comportava o dispositivo inverso, objeto de uma leitura talvez demasiado compreensiva quanto aos brasileiros.

Em *Caatinga e terra caída*, o desconhecimento acerca do Brasil será continuamente trabalhado por Nemésio, com relação a diversos estados brasileiros, como Ceará e Maranhão, e conjuga-se a enganos de uma visão preestabelecida e fundada em lusitanidade e uniformidade, que seria contraditada pela diversidade física e cultural à sua volta:

Cheguei a São Luís do Maranhão com a minha “ideia feita”; mas não acertou bem. Aqui, a “ideia” era vigorosamente uma imagem, uma vista prévia da terra, que só faltava conferir para me situar.

Mas a gente, sem querer, arredonda o que desconhece. Fiz desses tópicos de turismo um cromo de fachadas amplas e enramadas de loiça azul, um postal de urbanismo evocativo dos chamados “tempos que não voltam.” E aí é que me enganei!

As cidades vivas não são os puros museus de estilo que o abuso da cultura nos leva a configurar. Mesmo quando são terras mortas, no nobre sentido de conservarem os traços vetustos com resoluta indiferença à febre de mudar, acabam por deixar-se moldar por necessidades e caprichos, inscrevendo afinal mil variantes do gosto e da pressão económica. Assim São Luís do Maranhão. (133)

Assim também, diríamos, o Brasil. Sob a pressão de necessidades e mudanças várias, os postais evocativos da ação colonial que Nemésio nos oferece atualizam-se na leitura da emigração portuguesa para este país, secundada pela tópica das relações culturais luso-brasileiras à época. Por intermédio das suas palavras, como num ecrã, episódios da história de Portugal na América reencenam-se diante dos receptores e entrelaçam-se à recente história do Brasil independente, no testemunho *in loco* da presença diaspórica de portugueses nos mais diversos e distantes rincões brasileiros. Marquês de Pombal, Martim Moreno, Pedro Teixeira, Caetano Brandão, Mendonça Furtado, Mota Falcão somam-se a recentes imigrantes e companheiros de jornada, na rememoração que, além de vencer o plausível esquecimento, torna presente em portugueses e brasileiros a relevância dos esforços empreendidos e por desdobrar-se no campo das relações internacionais.

No tratamento reservado ao movimento migratório, a perspectiva celebratória e sublimada persiste, em sintonia com a apologia subliminar do estreitamento dos vínculos históricos no presente. Nemésio ressalta, dentre os imigrantes lusos e descendentes com que se defronta, os contatos com homens do povo e figuras proeminentes na terra de adoção, destacando a um só tempo o trabalho cotidiano das comunidades e as iniciativas de vulto que alcançaram sucesso aquém-mar, com o foco na contribuição dada ao desenvolvimento local:

Com o Cônsul vinha uma velha figura da colónia, o Comendador Dias Pais, agente consular também de umas duas repúblicas limítrofes e incansável cicerone de portugueses arribados. A sua casa comercial, lembrando o trato marítimo do nosso Cais do Sodré, entremostrava o que fora o nosso papel de fomento no porto de Belém, depois que estancara a ocupação pombalina ao longo da bacia amazónica. A dele, português do termo de Sintra, e as de outros castiços obreiros ainda presentes no esforço luso-brasileiro para rotear a Amazónia. (196-97)

A consciência desses esforços parece obliterar os sacrifícios em nome dos resultados ou dos sentimentos de continuidade e unidade entre os dois povos. Ilustra-o à larga a passagem em que constata que “o Minho também se dessangrou até aqui”—o verbo adquirindo dois sentidos—, desloca a questão para a supremacia dos vianeenses em Pernambuco, para finalmente concluir com um “Pois se somos todos um!” (*Caatinga* 125-26).

Os constrangimentos vivenciados pelos imigrantes portugueses restringem-se a enfoques transversais. Em *O segredo de Ouro Preto*, limitam-se à rejeição do emigrante pelo português de casa (129), enquanto *Caatinga e terra caída* apresenta flagrantes, a bordo, de uma “sub-humanidade emigrante,” soma de desterro, pobreza e ambição (287-89), sem distinção de origem, pontuados pela intuição das privações e provações vivenciadas, entre o “evocar fundões históricos de uma vida que já os aguilhoava e premia” e o pedir “ao Deus das selvas um pouco de paz e segurança na sua imolação à cobiça” (204).

Em contraponto a esse movimento de marginalização e diferença, persiste a noção da continuidade, que Nemésio assinala ao afirmar que “o imigrante português continua o papel pombalino do demarcador pioneiro” (*Caatinga* 224), com o que procura resgatar a perda do protagonismo dos tempos coloniais. Apesar de reconhecer a decadência dos antigos focos migratórios, a par da pobreza da vida nessas localidades, Nemésio escolhe advertir os seus receptores em tom peremptório: “A corrente de emigração, se afrouxou, não se estanca” (225). O discurso de Nemésio busca “[equilibrar-se] entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade,” procurando contornar “o elemento regressivo, anacrônico, da estória da cultura nacional” (Hall 56) através da translação espacial da categoria da transnacionalidade, por que intenta atualizá-la pela afirmação da sua inserção no presente da cultura outra, em simbiose tal que exalta perspectivas de vitalidade, modernidade e prosperidade em termos da aliança valorada.

A frase com que qualifica a fixação portuguesa no Pará estende-se ao resto do país, ao tempo em que exprime o sentimento pessoal de Nemésio com relação ao Brasil: “O luso chega ao Pará, toma a montaria, prospera, às vezes encanta-se, e fica” (224). A simpatia e empatia que externa em seu discurso tornam-se correlatas desse encantamento, em parte atenuado face à leitura comovida e entusiástica realizada em *O segredo de Ouro Preto*, à medida que o tédio, o desconforto e o afastamento urbano aproximam-se da saturação,

ainda assim encontrando ânimo para converter as sombras do percurso em cenas de filmes dignos, como ele próprio afirma, de Walt Disney (228), ainda que relativize o quadro, advertindo que “[n]em tudo é o paraíso a technicolor que as minhas descrições acusam” (299).

Nemésio mantém-se em especial no campo da afetividade e do interesse quando as suas reflexões ocupam-se das relações entre os dois países, diretamente ligadas ao intercâmbio cultural que protagoniza. Em *O segredo de Ouro Preto*, Nemésio registra o extraordinário incremento que se verifica nos anos cinquenta, envolvendo “intelectuais e homens de acção,” sob o prisma do convívio social e humano:

O convívio entre portugueses e brasileiros nunca foi, ao mesmo tempo, tão intenso e menos prevenido do que é hoje. Refiro-me sobretudo às relações entre escritores, cientistas e técnicos—ou sejam os homens que, por antecederem os contactos pessoais de presença com trocas de escritos e planos calmamente pensados, objectivos, têm melhores condições para virem a encontrar-se num terreno de trato desbravado. (29)

Na avaliação da cena cultural perscruta um “idílio que parece começar,” em contraponto aos entraves existentes. Ao reconhecer notas dissonantes ao imaginário luso-brasileiro da época—“O aumento das relações de cultura entre Portugal e Brasil põe problemas prementes que, paradoxalmente, encontram soluções imediatas contrárias ao espírito de aliança,” afirma Nemésio na crônica “As resistências” (*Segredo* 67)—, o escritor, a par da enumeração dos problemas alfandegários e cambiais irremovíveis de imediato, propõe modos de enfrentamento no campo acadêmico, mediante a incorporação, na historiografia lusitana, da história do Brasil e, no ensino da língua portuguesa em Portugal, da literatura brasileira.

Nesse mesmo período compromete-se no apoio a iniciativas de aproximação entre os dois países, dentre as quais avultam os colóquios internacionais de estudos luso-brasileiros, corolário do projeto e pedra de toque da comunidade luso-brasileira perseguida por segmentos da intelectualidade de ambas as margens do Atlântico. Nemésio emprestará sua voz à divulgação do IV Colóquio, realizado em 1959 em Salvador, assim como se reportará ao primeiro evento da série ocorrido em Washington em termos elogiosos pela contribuição que prestavam às relações bilaterais em cena.

Sintomaticamente, no início da década de sessenta, em meio à produção das crônicas de *Caatinga e terra caída*, Nemésio dará testemunho da interrupção do projeto transnacional que o norteava. Na carta a Hélio Simões do “dia do Natal 1961,” o entusiasmo com que se entregara às missões culturais—e o distingue no estoque de discursos culturais portugueses sobre o Brasil—cede à recordação nostálgica, que dá conta do cancelamento: “Este ano de 58, graças a si, foi dos melhores da nossa vida. Sossego, companhia fraterna, as “entradas” do Nordeste brasileiro e as “montarias” do Amazonas. Foi o meu canto de cisne glob-trotter [...].”⁴

O desalento pessoal que externa estende-se ao abalo das coordenadas de força em Portugal, com a deflagração das guerras de libertação na África e a perda de Goa para a União Indiana de Nehru:

Q^{do}. aparecem p^r. cá? A pergunta é quase absurda, dados os tp^s. q. correm. A velha Lusitânia é golpeada a toda a orla do orbe ... Primeiro, Angola; agora, p^a. sp^{re}. Goa. Eu sei q. são contra-golpes da História niveladora. Mas, pelo menos, o modo como a Comunidade se esboroa doi à nossa criação numa utopia q., decididamente, só poderá subsistir num saudosismo livresco.⁵

Para quem se mostrava especialmente afeito a aspectos da cultura e ‘história do Brasil que o tocavam e comoviam’ sob a perspectiva de uma “nova e comum Lusitânia,” a ponto de pedir “Não estraguem o meu sonho pessoal da Nova Lusitânia!” (*Caatinga* 135-58), as ameaças ao império português somadas à retirada do apoio brasileiro com a política externa independente do Governo Jânio Quadros significavam, para além do suposto nivelamento histórico, o encerramento de um ciclo nos anos cinqüenta, cujo perfil permite designá-los como “a ‘década-síntese’ da relação especial” entre os dois países (Menezes 36).

Em sua obra, Nemésio, como poucos, oferece-nos um painel dessa época e dos modos pelos quais as relações entre Portugal e Brasil encontraram momento de maior ressonância, a que o escritor prestou dúplici contribuição, enquanto protagonista e observador, a flagrar e exprimir com intensidade, empatia e virtuosismo exemplares. À altura das suas qualidades de poeta e ficcionista, Nemésio configura-se como referência obrigatória aos estudos correlatos a ambos os países em meados do século XX, pelo que revela dos trânsitos culturais e do imaginário português sobre o Brasil, por entre lições de história carregadas de sombras propícias e adversas, projetos, dilemas

e resistências, ambigüidades e ambivalências, que ainda hoje fazem valer sua força além e aquém-mar.

Notas

¹ Utilizamos a tipologia proposta por Bobbio, tomando-lhe as expressões, nomeadamente pelo que sustêm de convergência com o imaginário acerca dos papéis do intelectual que se pode flagrar na época e no discurso de Vitorino Nemésio. Cf. em especial, 67-90; 109-39.

² *Inteligência*: 521-22. Para o estudo da polémica deflagrada pela Sociedade Paulista de Escritores e pela revista *Anhemi*, em eco ao jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, contraposta à receptividade dos meios académicos mais à direita, com a explicitação dos questionamentos, cf. ainda o editorial Militarismo: 415-18.

³ Para as questões em tela, cf. em especial, a parte II “Linguagem e poder simbólico”: 89-147.

⁴ Carta 1961, material de arquivo. Apesar das palavras de despedidas, Nemésio ainda visitará por várias vezes o Brasil, assim como outros países, conforme consabido e documentado na mesma correspondência depositada no Arquivo Hélio Simões, prolongando as aventuras do globe-trotter até próximo à morte.

⁵ A transcrição do excerto da carta, já referencializada na nota anterior, procura registrar o formato original, com abreviaturas e rasuras, à exceção da forma “q.,” linhas 1, 3 e 4, abreviada no manuscrito por um pequeno traço mantido em suspenso, que não podemos reproduzir por falta de recursos gráficos.

Obras Citadas

- Anderson, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trans. Lólio L. Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- Bakhtin, Mikail. “Formas de tempo e de cronótopo no romance—ensaios de poética histórica.” *Questões de literatura e de estética (a teoria do romance)*. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1990.
- Balibar, Etienne. “La forme nation: histoire et idéologie.” *Race, nation, class: Les identités ambiguës*. Ed. Etienne Balibar and Immanuel Wallerstein. Paris: La Découverte, 1990. 117-43.
- Bhabha, Homi K. *O local da cultura*. Trans. Myriam Ávila, Eliana L.L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.
- Bobbio, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Trans. Marco A. Nogueira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- Bourdieu, Pierre. *O que falar quer dizer: a economia das trocas lingüísticas*. Trans. Wanda Anastácio. Algés: Difel, 1998.
- Chauí, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4ª ed. Trans. Tomaz T. Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- “Inteligência portuguesa e salazarismo.” *Jornal de 30 dias. Anhemi* 18 (1952): 519-26.

- Lourenço, Eduardo. *A nau de Ícaro seguido de Imagem e miragem da lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999.
- Menezes, Pedro Ribeiro. "As relações entre Portugal e Brasil—uma perspectiva pessoal." *Via Atlântica* 1 (1997): 28-39.
- "Militarismo, fuzilamentos, racismo e inteligência portuguesa." *Editorial Anhembi* 18 (1952): 409-18.
- Nemésio, Vitorino. "O 'brasileiro.'" *Panorama* 6 (1957).
- _____. *Caatinga e terra caída: viagens no Nordeste e no Amazonas*. Lisboa: Bertrand [1968].
- _____. Carta a Hélio Simões. Lisboa, 25 Dezembro 1961. Arquivo Hélio Simões. Associação de Salvador, Brasil. AHS-CA, doc. 1329, pasta 031.
- _____. Carta a Hélio Simões. Lisboa, 20 Novembro 1974. Arquivo Hélio Simões. Associação de Salvador, Brasil. AHS-CA, doc. 1338, pasta 031.
- _____. *Portugal e o Brasil na história*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.
- _____. Problemas universitários da comunidade luso-brasileira: oração de sapiência pronunciada na sessão solene de abertura das aulas da Universidade de Lisboa em 16 outubro de [1956?]. *Anuário da Universidade de Lisboa* 1954-55: 5-21.
- _____. *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos*. Lisboa: Bertrand [1954].
- Said, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trans. Tomás R. Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- Santiago, Silvano. "Por que e para que viaja o europeu?" *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. 221-40.
- Skidmore, Thomas. *O Brasil visto de fora*. Trans. Susan Semler *et al.* São Paulo: Paz e Terra, 1994.

Maria de Fátima Maia Ribeiro é Professora Adjunto de Literatura Portuguesa da Universidade Federal da Bahia. Mestrado em Letras, área de concentração Teoria da Literatura; Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação da UFBA, com a tese "IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros: relações culturais, identidade, alteridade." Atividades de ensino e pesquisa vinculadas às literaturas de Língua Portuguesa, no campo da Literatura Comparada, com ênfase nos Estudos Culturais e no trabalho com acervos documentais. Responsável pela organização e guarda do Arquivo Hélio Simões (espólio particular) e do fundo Documentação do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (UBA/UNESCO, 1959). Publicações em livros e periódicos nacionais e estrangeiros acerca das relações culturais entre Brasil, Portugal e os países africanos de língua oficial portuguesa na contemporaneidade, assim como sobre as literaturas portuguesa e angolana. Vice-presidente do SIEN (Seminário Internacional de Estudos Nemesianos) para o Brasil, entre 2000 e 2003. E-mail: fatimari@ufba.br